

Um novo canto da alma guarani

Fotos de Meire Vieira - São Paulo



Os adolescentes lançaram o CD *Nãnde Reko Arandu* a partir de iniciativa do projeto *Memória Viva*

Pouco à vontade no palco, coro de meninos desconhecido da civilização branca lança disco e comove o público que lota teatro em São Paulo

MARILI RIBEIRO

SÃO PAULO – Apatia ou indiferença? Nem mesmo os aplausos veementes da platéia comoveram os 120 garotos da tribo Guarani. Apresentando-se pela primeira vez em um teatro, os pequenos cantores – a maioria entre 10 e 16 anos – demonstraram uma atitude de mero dever cumprido, sem qualquer viés de emoção. Reunidos pelo projeto *Memória Viva Guarani*, que visa registrar a tradição eminentemente oral dessa cultura através do lançamento do disco *Nãnde Reko Arandu*, os meninos entoaram seus cânticos milenares para um público maravilhado que lotou o Sesc-Pompéia, em São Paulo, no final de semana, e chegou a exigir sessão extra no domingo.

Antes de decidir fazer o CD que justifica a apresentação, esse coro era desconhecido da civilização branca. Cultivadores do que os estudiosos chamam de “prática da ocultação”, os guaranis preservam sua cultura, não a expõem aos estranhos. Ela existe para consumo próprio e basta. Por isso, eles concordaram em exibir apenas o canto infantil, que acreditam ser menos afetado por energias maléficas vindas do exterior. Os rituais dos adultos permanecem fechados, como informa o historiador e sociólogo Antônio Maurício Fonseca de Oliveira, responsável pela viabilização do projeto.

A resistência a influências de outras culturas protegeu ritos, credos e a língua na qual se comunicam até hoje entre si. Mas, no cotidiano, atabaques, cocares e artesanato em taquara acabam convivendo pacificamente com fraldas descartáveis, máquinas fotográficas, filmadoras e os indefectíveis

jeans. “Falar de manutenção cultural é falar de rituais que se conservam, entre eles o canto passado de geração a geração há mais de 1.500 anos”, destaca Oliveira. “A cultura é dinâmica, nenhuma sociedade exposta aos brancos vai ficar ilesa. O que interessa é a alma dessa cultura. E eles, decididamente, têm uma alma guarani.”

Questionados sobre o prazer de estar lá, naquele palco, diante daquele público, os indiozinhos foram direto ao ponto: preferem cantar nas rodas, em suas aldeias. Ali, em roupas comuns, já que as que usaram no palco não fazem parte de suas cerimônias, se sentem mais à vontade. Os trajes com franjas coloridas, num estilo similar ao dos apaches americanos, foram criados para a ocasião, como revelou Timóteo da Silva, ou melhor, Verá Popyguá, de 27 anos, um dos líderes das aldeias presentes, a de Morro da Saudade, em Parelheiros, a 50 km de São Paulo. Os trajes, assim como as coreografias, expõem a absorção de valores vindos de fora, mesmo com Popyguá contando que “vi a dança em sonho, não fiz da minha cabeça. Foi Tupã (um de seus deuses) que me mostrou”.

Além de Morro da Saudade, estão no projeto a aldeia Sapucaí, em Angra do Reis, a de Boa Vista, em Ubatuba, e a de Rio Silveira, em São Sebastião. Cada uma delas ensaiou três músicas em que meninos e meninas ora cantam juntos, ora separados. Quase todas falam da natureza, especialmente das aves, da fé em seus deuses e da harmonia da vida coletiva. São cânticos sagrados de sonoridade mêntrica que buscam criar um estado de elevação espiritual, como explica Oliveira. São monótonos, baseados em um só acorde,



o que lembra os mantras indianos e, em alguns momentos, os repentes nordestinos. O coro é acompanhado por músicos da tribo e instrumentos tradicionais, como flautas e o tambor angupu (feito de madeira flexível e couro de veado), e ainda os incorporados, como o violão e a rabeca.

Enquanto aguardavam a apresentação no Sesc, os meninos e meninas se divertiam falando a língua

de seus ancestrais. O indivíduo branco é visto com desconfiança e falar ou cantar, para eles, ainda causa certo desconforto. Alguns líderes, ao contrário, acham que é tempo de marcar a existência de sua cultura registrando-a em vídeo, CD e divulgando-a. Mesmo assim, para se chegar ao resultado já mostrado às comunidades próximas às aldeias e, agora em teatro – o que pretendem fazer em outras cidades, se conse-

guirem patrocínio – houve muita negociação entre eles próprios.

Consultados, tanto os pajés como os mais velhos questionaram a importância de tal investida, conta Oliveira, perguntando: “Pra que mostrar se as crianças continuam cantando todos os dias? Eles é que vão herdar esse canto. E o que vamos fazer com cinco mil CDs?” Os líderes mais jovens, entre 20 e 30 anos, que preparam os garotos

para as apresentações, apostam que os recursos serão bem-vindos e aplicados na comunidade. Também advogam que quando um povo não mostra sua cultura ela se perde. No caso dos guaranis, são 500 anos de resistência de uma cultura sem qualquer registro escrito.

Na tentativa de abençoar as demonstrações públicas, um pajé purifica o ambiente na abertura do show. No programa, além dos cantos infantis, foi incluído o Xondaro, uma dança de tradição tribal que prepara os adolescentes para a função de guardiões das aldeias e da casa de reza. Os mais velhos querem, através da música, desenvolver nos jovens agilidade física e equilíbrio mental. É uma dança de roda que mais parece uma brincadeira comandada por alguém mais velho e costuma ser praticada após ao anoitecer. Os rapaziños se sentiram intimidados com o espaço e só se convenceram quando os líderes lembraram que “aqui é espaço guarani, aqui é uma aldeia, não é um palco. Essa terra é nossa.”

No Rio, conforme conta Oliveira, a Universidade Estácio de Sá está em negociações para trazer o *Nãnde Reko Arandu* para se apresentar na Casa de Cultura da Barra da Tijuca. Empolgado com a causa, o historiador acha que os brasileiros devem conviver com essa cultura nativa, presente nas raízes da nação. A se considerar a efusividade do público da primeira noite paulistana, o sucesso da investida está garantido. Sob o olhar de indiozinhos surpreendidos, a platéia pedia bis. Atordoados, os líderes atenderam. Foi o único momento em que alguns garotos esboçaram um sorriso. Amarelo, mas um sorriso para aqueles aplausos frenéticos.